

# A ONTOLOGIA MARXIANA COMO REFERENCIAL PARA A PESQUISA SOBRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

JÉSSICA OLIVEIRA MUNIZ<sup>1</sup>  
NATÁLIA AYRES DA SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de um estudo teórico-bibliográfico desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa intitulado O desenvolvimento psíquico infantil na Psicologia Histórico-Cultural, bem como da monitoria da disciplina Psicologia Histórico-Cultural I, ambas desenvolvidas no Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão - FLF. A Psicologia Histórico-Cultural, surgida no contexto da Revolução Russa de 1917 e influenciada pelo marxismo, concebe a origem das funções psicológicas superiores na relação do homem com o meio exterior. Nessa direção, este trabalho objetiva apresentar a compreensão do legado marxiano como uma ontologia do ser social, referencial que embasa nosso estudo acerca da Psicologia Histórico-Cultural. Recorremos, assim, a Lukács (1981), Lessa e Tonet (2004); Lessa (2007). Considerando o trabalho como categoria fundante do ser social, por transformar a base material da vida dos homens, é através dele que o homem se distingue das demais esferas do ser (inorgânica e orgânica). Na perspectiva marxiano-lukacsiana, o trabalho é a objetivação de uma prévia-ideação, que nasce de uma necessidade concreta. Através do trabalho, o homem não só transforma a natureza como transforma a si próprio, adquire novos conhecimentos e habilidades, novas formas de relação social. Essa acumulação de novos conhecimentos e habilidades aponta a principal característica que distingue o ser social das demais esferas do ser: a incessante produção do novo.

**Palavras-chave:** *Ontologia do ser social. Trabalho. Psicologia Histórico-Cultural.*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa intitulado O desenvolvimento psíquico infantil na Psicologia Histórico-Cultural, que tem como objetivo central investigar, a luz da ontologia do ser social, o desenvolvimento psíquico da criança na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, bem como da monitoria da disciplina Psicologia Histórico-Cultural I, ambas desenvolvidas no Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF).

Levando em conta que essa perspectiva surge no âmbito da Revolução Russa de 1917, a qual acarreta uma mudança de pensamento que se estende a todas as esferas da vida, na ciência

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). Monitora da disciplina Psicologia Histórico-Cultural I. Bolsista do Projeto de Pesquisa O desenvolvimento psíquico infantil na Psicologia Histórico-Cultural. E-mail: jess.km@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão - FLF. Pesquisadora-Colaboradora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO/UECE. E-mail: natalia\_ayres@yahoo.com.br.

psicológica não poderia ser diferente. Evidencia-se a necessidade de construção de uma nova psicologia que se adequasse a nova sociedade emergente, uma psicologia que partisse dos preceitos marxistas.

É nesse contexto que surge a Psicologia Histórico-Cultural, com o objetivo de criar uma psicologia geral que sintetizasse a dualidade existente na ciência psicológica daquela época - de um lado, os idealistas que acreditavam na consciência como uma manifestação do espírito e, de outro, os naturalistas que a concebiam como decorrente unicamente do cérebro. Assim como assevera Luria (2001, p.24), “os naturalistas e os mentalistas haviam artificialmente desmembrado a psicologia. Era sua meta, (de Vigotski), e nossa tarefa, criar um novo sistema que sintetizasse estas maneiras conflitantes de estudo”.

Foi em 1924 que os primeiros passos foram dados para a construção dessa nova psicologia, quando, no II Congresso de Psiconeurologia em Leningrado, Vigotski profere uma palestra defendendo que a consciência era um conceito que deveria permanecer na psicologia, sendo estudado de maneira objetiva.

A partir de então, Vigotski é convidado a integrar a equipe do Instituto de Psicologia de Moscou, juntando-se a Luria e Leontiev. Forma-se assim a tróica, a partir da qual diversos estudos foram realizados com vista à construção de uma psicologia de base marxista. Ainda segundo Luria (2001, p.22),

Com Vigotski como líder reconhecido, empreendemos uma revisão crítica da história e da situação da psicologia na Rússia e no resto do mundo. Nosso propósito, superambicioso como tudo na época, era criar um novo modo, mais abrangente, de estudar os processos psicológicos humanos.

Influenciada pelo marxismo, atribui as formas superiores de comportamento à relação entre o homem e o meio externo. Compreende o trabalho como categoria fundante do ser social e acredita que é através dele e da aquisição da linguagem que o homem se distingue das demais formas de ser (esferas inorgânica e orgânica), bem como passa pela transformação da consciência, a qual deixa de ser um epifenômeno, passando a ser regida por leis sócio-históricas. É essa compreensão do legado marxiano como uma ontologia do ser social que será enfatizada neste trabalho.

## METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um estudo de cunho teórico-bibliográfico, a partir do método de investigação da Psicologia Histórico-Cultural, ancorada no legado marxiano, buscando trazer um esclarecimento acerca dessa fundamentação presente na referida corrente do pensamento psicológico, a partir da ontologia do ser social. Para tanto, tomamos como base, essencialmente, o livro Introdução à filosofia de Marx, de Sérgio Lessa e Ivo Tonet, no qual os autores dedicam os primeiros capítulos a dimensão ontológica do trabalho, bem como o texto de A. R. Luria, intitulado Vigotskii, no qual o autor traz elementos referentes aos objetivos da Psicologia Histórico-Cultural.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Marx, a transformação da natureza pelo homem é um requisito indispensável para a existência humana. No entanto, isso não significa que as leis que regem a vida dos homens sejam as mesmas leis da natureza. Apesar da importância do aparato biológico para a constituição da sociedade, a ação humana está direcionada para além destes motivos, suas ações são regidas pelas leis sociais.

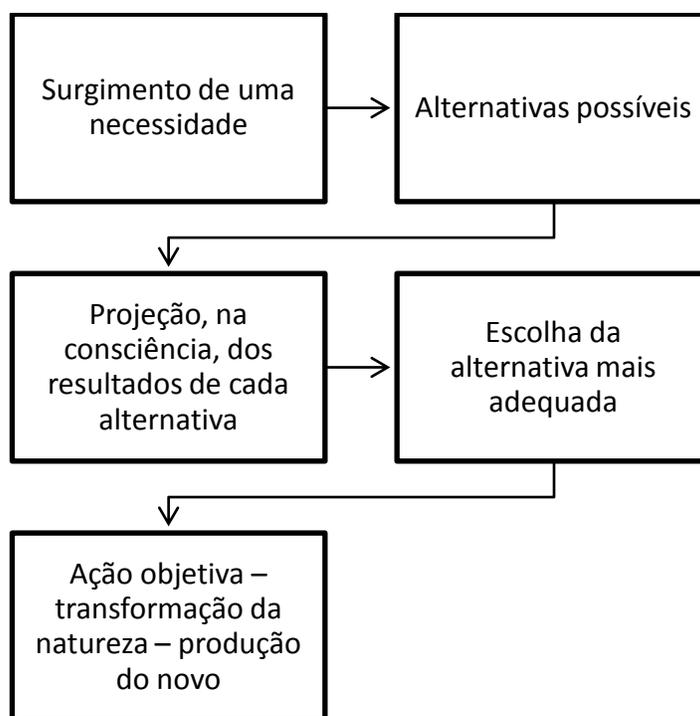
Essa atividade humana de transformação da natureza é denominada trabalho e é através deste que o homem se distingue dos demais animais. É realizando a sua atividade vital, o trabalho, que o homem constitui a sociedade e a si próprio. Nas palavras de Lessa e Tonet (2008, p.9),

Por meio do trabalho os homens não apenas constroem materialmente a sociedade, como também lançam as bases para que se construam como indivíduos. A partir do trabalho, o ser humano se faz diferente da natureza, se faz um autêntico ser social, com leis de desenvolvimento histórico completamente distintas das leis que regem os processos naturais.

Conforme Lukács, entretanto, não podemos reduzir toda ação humana a trabalho, existem outras formas de agir, diferentes deste, porém sem a categoria do trabalho “ inúmeras formas de atividade humano-social, não poderiam sequer existir” (LESSA, 1997, p.24). Assim, para o filósofo húngaro, existem três esferas ontológicas distintas, quais sejam: a inorgânica, que tem como essência a constante transformação do outro; a biológica, que tem como essência a reprodução da vida; e o ser social, o qual se distingue das demais esferas, pela produção incessante do novo, a partir de ações teleologicamente orientadas.

Deste modo, podemos perceber que a atividade de transformação da natureza, através da realização do trabalho, diferencia-se da ação dos animais, uma vez que a ação humana é orientada a um fim, isto é, o homem planeja essa ação, projeta em sua consciência seu resultado, antes de executá-la, objetivá-la. Para Marx, é neste ponto que se situa toda a especificidade da evolução humana.

Essa capacidade de antecipar o resultado da ação na consciência, denominada por Lukács de prévia-ideação, possibilitou ao homem, diante de uma necessidade concreta, escolher qual a mais eficiente entre várias alternativas. Vale ressaltar que a prévia-ideação, embora seja um momento abstrato, segundo Lukács, exerce uma força material nas ações sociais. Nas palavras de Lessa (1997, p.25), “só enquanto abstratividade pode ela ser o momento em que os homens confrontam passado, presente e futuro e projetam idealmente, os resultados de sua práxis”. A alternativa escolhida, então, é objetivada. Em síntese:



O resultado de uma ação é sempre o surgimento do novo, uma vez que tanto a realidade quanto o indivíduo não são mais os mesmos. Assim, o homem se transforma à medida que adquire novos conhecimentos, como também muda sua realidade, novas necessidades aparecem,

e a construção de um novo instrumento serve de modelo para o aperfeiçoamento dos próximos. Noutras palavras,

Ao transformar a natureza os homens também se transformam, pois adquirem novos conhecimentos e habilidades. Esta nova situação (objetiva e subjetiva, bem entendido) faz com que surjam novas necessidades (um machado diferente, por exemplo) e novas possibilidades para atendê-las. (LESSA & TONET, 2008, p.10).

Lessa e Tonet (2008) atentam ainda para três aspectos essenciais à compreensão do ser social, são eles:

1. A criação de um instrumento é a transformação de uma parte da natureza, esta organizada de modo a satisfazer uma necessidade. Assim objetivar assume o sentido de transformação. Por exemplo, ao construir um machado, o homem utiliza-se de pedra e madeira, organizando estes elementos de modo a satisfazer uma necessidade real, entretanto pedra continuará a ser pedra e madeira continuará a ser madeira, apenas organizadas de diferentes formas.
2. Há um fundamento material que é indispensável, a prévia-ideação, já que esta surge de alguma situação determinada.
3. Ao modificar a situação existente, cria-se uma nova situação que jamais se repete.

Partindo deste último ponto, é importante notar que todo esse processo é em si dependente das relações entre ações individuais e vida social, não podendo jamais ocorrer fora de um contexto social.

Para Marx, portanto, ao objetivar sua prévia-ideação, o homem parte de um conhecimento previamente existente da natureza, próprio de uma sociedade que já se encontra em um estágio de desenvolvimento para além de um estágio primitivo. Além de se utilizar de um conhecimento prévio, essa ação gera consequências futuras, não só para o indivíduo que a criou, mas também para a história humana, que evolui de uma maneira que jamais pode ser prevista ou controlada. O objeto produzido “[...] tem por base a história passada; faz parte da vida da sociedade; faz parte da história dos homens de um modo geral” (LESSA & TONET, 2008, p. 13).

O conhecimento adquirido, através da construção de um novo instrumento, é então generalizado, em duas dimensões: a primeira - ele se torna uma propriedade social, ou seja, não é mais pertencente apenas aquele que lhe produziu, mas esse conhecimento pertence a toda a

sociedade; a segunda - é generalizado também ao ser utilizado para a produção de outros objetos diferentes do qual foi inicialmente produzido. Como por exemplo, o conhecimento das pedras para a construção de um machado pode também ser útil para a construção de uma ponte.

Esse olhar para os aspectos individuais e sociais nos permite compreender os processos como se articulam, possibilitam-nos também entender por que para Marx o trabalho seria a categoria fundante do ser social. Segundo Lessa e Tonet (2008, p.15),

O trabalho é o fundamento do ser social porque transforma a natureza na base material indispensável ao mundo dos homens. Ele possibilita que, ao transformarem a natureza, os homens também se transformem. E esta articulada transformação da natureza e dos indivíduos permite a constante construção de novas situações históricas, de novas relações sociais, de novos conhecimentos e habilidades, num processo de acumulação constante (e contraditórios, como veremos). É este processo de acumulação de novas situações e de novos conhecimentos- o que significa novas possibilidades de evolução- que faz com que o desenvolvimento do ser social seja ontologicamente (isto é, no plano do ser) distinto da natureza.

Assim, através do trabalho, uma ideia que existia apenas no âmbito da consciência de um indivíduo é materializada, e a partir de então tanto sofre influencias como é influenciada pela realidade da qual faz parte.

Podemos perceber, a partir dessas discussões, que há uma distinção qualitativa entre ideia e matéria, uma vez que a primeira deixa de assim o ser no ato da objetivação, já a segunda, torna-se uma ideia ao ser planejada na consciência. Lukács, para diferenciar matéria da prévia-ideação, denomina-a de causalidade, pelo fato desta possuir seu princípio de evolução. Apesar da distinção matéria/ideia, as ideias representam uma força motora para o desenvolvimento do mundo concreto.

Nesse sentido, a perspectiva marxiana supera as duas tendências filosóficas que imperaram até o século XIX, são elas, o materialismo e o idealismo. É interessante ressaltar que estas apresentaram diversas formas, no entanto aqui nos deteremos apenas a algumas de suas formulações. Assim, o materialismo defendido pelos iluministas franceses, postulava uma dependência humana total da natureza. Enquanto, o idealismo kantiano, compreendia o mundo como absolutamente dependente da consciência humana.

É através da descoberta por Marx, através do exame da sociedade capitalista após a Revolução Industrial e Revolução Francesa, da especificidade da dupla articulação com a

natureza, na qual o homem tem sua base, mas que não é regida por leis naturais e sim sociais, que se consegue superar a explicação do ser social, tal como propunham os idealistas e materialistas.

A partir de um exame da sociedade após a Revolução Industrial, na qual o desenvolvimento das forças produtivas ganhou elevado status, Marx pode discutir até que ponto há de fato uma independência do homem para com a natureza. Assim como, ao analisar a Revolução Francesa, pode reafirmar a intervenção das ideias humanas na construção da realidade. Munido dessas observações, Marx cria uma concepção que consegue superar os pensamentos idealistas e materialistas – o materialismo histórico-dialético, uma nova e melhor forma para compreender a realidade. Como enfatiza Lessa e Tonet (2008, p.23),

Para Marx, o mundo dos homens nem é pura ideia nem é só matéria, mas sim uma síntese de ideia e matéria que apenas poderia existir a partir da transformação da realidade (portanto é material) conforme um projeto previamente ideado na consciência (portanto possui um momento ideal).

O materialismo histórico-dialético, portanto, concebe o mundo dos homens como uma síntese entre a prévia-ideação e a realidade material que ocorre através do trabalho. Ressalta a importância das ideias na orientação das ações humanas, por exemplo, em um contexto revolucionário. No entanto, atenta para o fato de que ideias sem ações não tem força, voltando ao exemplo de um ideal revolucionário, não há uma mudança efetiva, seja ela qual for, se estes ideais não forem acompanhados de ações. Esse pensamento exerce grande influência na constituição de uma nova proposta de estudo para a psicologia que surgirá, como citado anteriormente, no contexto da Revolução Russa de 1917.

A tomada do método marxista desempenhou um papel fundamental na forma como os membros da tríada (Vigotski, Luria e Leontiev) desenvolveram a sua concepção de uma nova psicologia. Influenciados pelo materialismo histórico-dialético, buscam, nas relações sociais entre os indivíduos e destes com o meio externo, as raízes do surgimento das funções psicológicas complexas. Procurando compreender a maneira pela qual o desenvolvimento biológico se entrelaça às influências culturais para formar as funções psíquicas superiores, acreditam ser esta a única maneira possível de superarmos o dualismo presente na psicologia, como assevera Luria (2001, p. 26), “[...] caminhando para fora do organismo objetivando descobrir as fontes das formas especificamente humanas de atividade psicológica”. Nomeando

esse modo de estudo de “histórico” e “cultural” fazem referência a traços que estão presentes na forma de estudar os processos psicológicos, por eles proposta, expressando também como a sociedade e a história se fazem presentes no surgimento das atividades características do gênero humano.

É na perspectiva marxista que Vigotski encontra a fundamentação teórico-prática para a construção de uma psicologia que atenda as necessidades reais dos indivíduos, que atue efetivamente como um agente de transformação da realidade social. Segundo Luria (2001, p. 33), “[...] Os problemas centrais da existência humana, tais como são sentidos na escola, no trabalho ou na clínica, serviram como contextos nos quais Vigotski lutava para formular um novo tipo de psicologia”. Defendendo, assim, a necessidade de um olhar crítico em psicologia, de modo que tomemos a realidade como referência para a produção do saber psicológico.

## CONCLUSÃO

Partindo do que foi exposto ao longo deste trabalho, podemos perceber a importância do estudo da ontologia do ser social, presente nos escritos de Marx e recuperada por Lukács, como referencial para a pesquisa em Psicologia Histórico-Cultural, uma vez que esta encontra sua base no marxismo, bem como apresenta, a partir desta perspectiva, o trabalho como o ato originário da atividade consciente do homem. Fornece, assim, o aparato para uma compreensão do homem como um ser histórico e social, e por isso em constante transformação, sem perder de vista a importância da base material para o desenvolvimento psíquico dos indivíduos. Nessa perspectiva, é na relação do homem com o meio exterior, na transformação da natureza (realização do trabalho), que são formadas as características próprias do gênero humano. À medida que modifica a natureza, o homem também modifica sua própria condição, deixa de ser apenas um produto do meio em que vive, passando a ter um papel ativo na transformação da realidade. Assim, toda ciência que objetive estudar o gênero humano deve ter em mente o homem como um ser social e historicamente mediado. Esse olhar é de fundamental importância para a orientação de nossas práticas em psicologia, no sentido de que possamos combater visões biologicistas e naturalistas amplamente difundidas na atualidade e possamos construir uma psicologia que atue como um agente de transformações sociais.

## REFERÊNCIAS

LESSA, Sérgio. *A Ontologia de Lukács*. Maceió: EDUFAL, 1997.

\_\_\_\_\_; TONET, Ivo. *Introdução à filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUKÁCS, Georg. Il lavoro. [trad. Ivo Tonet]. In: *Per l'ontologia dell'essere sociale*. Vol. 2, 1 ed. Roma: Editora Riuniti, 1981. (texto mimeog., s/d).

LURIA, A. Vigotskii. In: VIGOTSKI, L.; LURIA, A.; LEONTIEV, A. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 7ª Ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 21-37.